



Apresentação do Dossiê em Homenagem ao Tricentenário de Kant

*Marcos César Seneda **

*Olavo Calábria Pimenta ***

Esse *Dossiê em Homenagem ao Tricentenário de Kant* vem à luz por iniciativa da Seção Regional do Cerrado da Sociedade Kant Brasileira (SKB). Nesse ano especialíssimo de 2024, em que se comemora o jubileu de trezentos anos do nascimento do filósofo Immanuel Kant, decidimos homenagear esse autor que marcou profundamente o cenário filosófico mundial. Em nossa região, Kant também se mostra um autor presente, congregando instituições bem inseridas na produção e divulgação do pensamento filosófico, a saber, Universidade de Brasília (UnB), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Kant se interessou por todos os ramos do pensamento filosófico, deu aulas praticamente sobre todos os assuntos que dele se desdobram, e igualmente publicou uma obra que, sem ser vasta, incursiona de modo heurístico e fecundo em todas as áreas de conhecimento filosófico. O seu pensamento impactou a nossa visão do conhecimento teórico, a nossa concepção dos fundamentos da moralidade e o nosso modo de apreciar os

* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor de Filosofia Moderna no Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. E-mail: mseneda@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9151138206391021>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1227-2866>.

** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Filosofia Moderna no Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: olavocalabria@ufu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1225760307863480>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5649-6206>.

objetos estéticos. Ou seja, Kant funda a era da crítica, que constitui o seu pensamento a partir da data decisiva de 1781, na qual se publica a *Crítica da razão pura*, oferecendo uma construção arquitetônica dos fins da razão, que possibilita unificar os diversos flancos do pensamento filosófico para se entender o destino do ser humano que se desdobra na história e no mundo.

O presente Dossiê, ainda que não tenha sido projetado para explanar esse desígnio, mostra de maneira espontânea essa integração do pensamento de Kant. Quem o frequentar, nele poderá encontrar discussões sobre a religião, reunidas na reflexão sobre o mal radical ou sobre os enganos da consciência moral; poderá examinar problemas fundamentais da ética, conformados aos dilemas morais da autonomia e da liberdade no mundo moderno e contemporâneo; poderá tomar contato com o pensamento teórico de Kant sobre a geometria, ao desdobrar construções heurísticas muito interessantes sobre a infinitude do espaço, associadas à exploração dos pensamentos de Leibniz e Newton; e poderá ainda ter acesso ao pensamento estético de Kant, ao explorar metáforas internamente contraditórias associadas ao gosto e à percepção musical. Para cobrir esse cenário, esse Dossiê apresenta seis contribuições, originariamente apresentadas no 1º Colóquio Kant da Seção Regional do Cerrado, ocorrido de 21 a 23 de setembro de 2022, em Pirenópolis/GO, que passamos a retratar a seguir.

No texto *Mal radical e vícios diabólicos em Kant*, Adriano Correa examina o problema do arbítrio do ser humano, na medida em que o homem pode acolher em suas máximas orientações que sejam contrárias à lei moral, e na medida em que passe a executar ações em conformidade com essas máximas. A noção de mal radical, no entanto, não visa a captar o que há de odioso no ser humano, ela quer descer à raiz do mal em cada indivíduo, mostrando que há um desvio muito próximo de cada máxima adotada e que pode conduzir à maldade. E esse desvio é acentuado pela vida em sociedade, na medida em que a competição e a comparação entre os homens desviam o foco da ação da lei moral. No entanto, Kant assume essa corrupção como um desvio, mas nunca como uma desconexão da lei

moral. Mesmo os vícios diabólicos são aqueles desdobrados a partir da cultura e da civilização. Isso não implica que eles tenham corroído todo o vínculo com a lei moral, mas que a inclinação que os impele pode superar a força da lei moral.

O artigo de Erick Lima, *Da Semântica à Pragmática: Kant, Hegel e o Debate em torno da Normatividade*, começa com um diagnóstico da nossa modernidade apresentado por Hegel, que assinala que Kant dotou esse conceito de determinações individualistas e a-históricas em sua construção da noção de autonomia. Isso mostra uma crença ingênua nas realizações da história, como se a somatória das vontades individuais pudesse articular o todo a partir da ideia de liberdade. Em relação a isso, o autor, comentando a posição de Loparic, apresenta as interpretações de Fichte e Hegel como uma ampliação pragmática da liberdade em Kant, interpretada através do fato da razão. A seguir, a partir das interpretações de Honneth e Brandom, apresenta-se como é possível uma interpretação intersubjetiva da autonomia, que pode ser construída a partir do sentimento do respeito. Essa interpretação da autonomia é então ampliada enquanto reconhecimento intersubjetivo, a partir das leituras de Fichte e Hegel. Por fim, o autor mostra como Brandom, retomando a proposta de Hegel, procura explicitar a dimensão social e intersubjetiva das normas compartilhadas, atribuindo-lhes uma nova forma de legitimação.

Jorge Vanderlei Costa da Conceição e Daniel Omar Perez são os autores de *O solipsismo moral em Kant: o lado obscuro da consciência moral*. Neste artigo, pretendem demonstrar, em duas etapas, que o solipsismo moral em Kant se fundamenta tanto na complacência como no autoengano, ambos derivados do amor próprio. Na primeira etapa, identifica-se o amor próprio como sendo um princípio volitivo, por conseguir transformar uma inclinação em um fim da vontade, o que se torna possível na medida em que o ser humano subordina a lei moral à busca de sua própria felicidade. Na segunda etapa, identifica-se o autoengano como sendo uma forma de eliminar a culpa, tarefa que é alcançada por meio de uma aparência moral e, portanto, de uma consciência distorcida das más intenções. Neste caso, ao anular a

consciência moral em função das próprias mentiras, o autoengano surge como efeito sensível da força deste tipo de amor egoísta sobre o espírito do ser humano. A título de conclusão, os autores procuram demonstrar que o autoengano é uma forma de anular a consciência moral, permitindo que a máxima da ação conviva apenas com a aparência da moralidade.

Em *Infinitude e mereologia na construção da estética teórica de Kant*, Marcos César Seneda procura estabelecer uma conexão entre dois textos de Immanuel Kant, que parecem separados por uma longa distância. Trata-se de examinar os pressupostos em comum que possuiriam o opúsculo *Sobre o primeiro fundamento da distinção de direções no espaço*, de 1768, e a *Crítica da razão pura*, de 1781. Pelo fato de Kant não se reportar ao exemplo das contrapartidas incongruentes no texto da Estética Transcendental, nem em nenhuma passagem da primeira *Crítica*, diversos comentadores se reportam a esse fato para minorar a importância do texto de 1768 para a constituição da estética teórica. Recorrendo a uma tese forte sobre o espaço, exposta nos *Prolegômenos a toda metafísica futura*, que é a de que somente o todo é fundamento de possibilidade das partes, o autor procura mostrar que os Prolegômenos, por dependerem do procedimento de exposição analítico, se sustentam sobre as contrapartidas incongruentes para dar arrimo a teses importantes da Estética Transcendental. Com essa estratégia, o autor procura projetar um ponto de conexão entre os textos aqui examinados.

Em *Estética transcendental e o Ensaio de 1768: espaço e determinação completa*, Paulo Roberto Licht dos Santos propõe uma exaustiva e elaborada análise do texto de Kant de 1768, a saber, *Do primeiro fundamento das regiões no espaço*. O texto principia com uma reflexão sobre o conceito de indeterminado, que é exposto por Kant na abertura da Estética Transcendental: aparecimento (*Erscheinung*) é “o objeto indeterminado de uma intuição empírica” (KrV, A20/B34). Começando por esse ponto de partida, o autor nos oferece uma reflexão sobre o princípio de determinação completa, sobre o qual passa a fazer uma apreciação retornando ao texto de 1768, sobre as contrapartidas incongruentes. Esse texto contém uma reflexão sobre o espaço universal e

possibilita estabelecer uma relação entre todo e parte, de tal modo que a parte dependa do todo. A novidade é pensar isso do ponto de vista do conceito de região e direção. A partir desses elementos, o autor procura refletir sobre as propriedades do espaço, de tal modo que essas determinações possam ser expandidas para recobrir as passagens principalmente da Estética Transcendental. O texto prossegue, pautando a relação do corpo próprio com a orientação no espaço, a correlação entre o intuitivo e o discursivo, a coimplicação entre *ratio essendi* e *ratio cognoscendi*, e as implicações dessas construções para a noção de aparecimento. Dada a magnitude do texto e suas descobertas heurísticas, ele exige que o leitor nele se oriente percorrendo-o em todos os seus desdobramentos.

No artigo *Kant a propósito de “dissonância” e “doce e picante”*: estudo de caso de uma dupla metáfora, utilizando as variações da música e do gosto, Ubirajara Rancan de Azevedo Marques parte de um conjunto de distinções conceituais referentes à música erudita e ao sentido do gosto ou do paladar, presentes no “Prefácio” de *A Razão Bem Temperada*, de Leonel Ribeiro dos Santos. Isso é feito com o intuito de analisar duas metáforas contidas na “Reflexão” número 614 de Kant: uma relacionada à música, “dissonância”, e outra à culinária, “dolce piccante”. De um lado, cada metáfora é analisada separadamente no contexto do século XVII, destacando a contrariedade comum entre elas; de outro, são relacionadas para mostrar a consonância deste contraste com o pensamento kantiano. Operando na intersecção desses contrastes, o autor nos oferece uma reflexão conceitual do papel dos oxímoros no pensamento de Kant, ressaltando não somente o seu emprego em suas obras, mas esclarecendo, inclusive, o quão indispensável eles são para assegurar o êxito de uma terminologia empregada com rigor.

É com grande alegria, nessa data tão alvissareira, que apresentamos esse *Dossiê em Homenagem ao Tricentenário de Kant* a todas as pessoas que se interessam pelo pensamento desse autor. Esperamos que, pela fecundidade inesgotável de Kant, ele atenda às expectativas por possibilidades heurísticas e ainda atuais de compreender a

realidade em que vivemos, abrindo ângulos inusitados para ingressar em suas contradições e estudar seus problemas.